



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

GIVANILDO ALMEIDA DA SILVA

**AS VÁRIAS FACES DO MORRO BOM JESUS: DIÁLOGOS FOTOGRÁFICOS
NA COMUNIDADE**

CARUARU

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

RELATÓRIO CIENTÍFICO

**AS VÁRIAS FACES DO MORRO BOM JESUS: DIÁLOGOS FOTOGRÁFICOS
NA COMUNIDADE**

GIVANILDO ALMEIDA DA SILVA¹

CARUARU

2023

¹ Graduando em Comunicação Social com ênfase Mídia Digital e Produção Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: givanildoalmeida.silva2@gmail.com orientadora Dr^a. Juliana Leitão E-mail: julianaleitão@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do programa de geração automática do SIB/UFPE

SILVA, GIVANILDO ALMEIDA DA .
AS VÁRIAS FACES DO MORRO BOM JESUS: DIÁLOGOS FOTOGRÁFICOS NA COMUNIDADE / GIVANILDO ALMEIDA DA SILVA. - Caruaru, 2023.

37 : il.

Orientador(a): JULIANA ANDRADE LEITAO
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2023.

7,5.

Inclui referências, apêndices.

1. COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA. 2. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL. 3. FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA. 4. PESQUISA PARTICIPANTE. I. LEITAO, JULIANA ANDRADE . (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que deu vida aos meus Pais e são os responsáveis por Eu estar vivo aqui!

Aos articuladores das políticas públicas que fizeram a Universidade Federal de Pernambuco chegar ao interior e logo na minha cidade natal, Caruaru.

Um abraço especial aos que criaram o curso de comunicação social do campus Agreste.

A todos os professores deste curso e aos colegas de turma.

Dedico minha formação a minha Mãe e a Roseane Silva. Roseane teve que sair do curso. Rose, sem tu, penso que não teria os auxílios.

Feliz, alegre, amor e sorte onde quer que estiver!

RESUMO

A proposta deste trabalho é produzir fotografias com os moradores da comunidade do Morro Bom Jesus, bairro localizado na cidade de Caruaru no Agreste do interior de Pernambuco. As fotos produzidas são compreendidas como instrumentos facilitadores ao exercício da comunicação comunitária que durante este trabalho é posta em prática por, com e para comunidade do Morro Bom Jesus. A pergunta norteadora do trabalho: Como produzir uma fotografia que represente a comunidade do Morro Bom Jesus? Com abordagem qualitativa, o trabalho é desenvolvido a partir da pesquisa participante alinhando observação aplicação entrevista e diálogos. As teorias que alicerçam esta produção partem do conceito de comunicação comunitária de perspectiva da comunicação como direito humano e fotografia como documento que representa, ou aponta para realidade. Concluímos que as fotografias são instrumentos potentes para amplificar a voz de uma comunidade, auxiliam na formação do pensamento crítico dos sujeitos, promovem diálogos em que ao mesmo tempo que revelam problemas, apontam soluções. O resultado pode ser conferido no site: <https://comunidadebj.wixsite.com/comunidadebj/africa-viva>.

PALAVRA-CHAVE: Comunicação Comunitária; Diálogos; Fotografias; Morro Bom Jesus.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
1.1	O Morro Bom Jesus	6
1.1.1	O Morro Bom Jesus e a Palavra Morro	8
2	OBJETIVOS	12
2.1	Objetivo Geral.....	12
2.1.1	Específicos Objetivos:	12
3	JUSTIFICATIVA	12
4	REFERÊNCIAL TEÓRICO	13
5	TÉCNICAS, METODOLOGIAS E DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS.....	17
5.1	O Processo.....	21
5.1.1	O Campo.....	21
5.1.2	Realização de Oficinas.....	23
5.1.3	Retorno para Comunidade.....	25
6	CONSIDERAÇÕES.....	25
7	FOTOGRAFIAS	27
	REFERÊNCIAS.....	33
	APÊNDICE A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	35
	APÊNDICE B LINK DO SITE	36

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Morro Bom Jesus

A comunidade do Morro Bom Jesus é um bairro que está bem próximo ao centro da cidade de Caruaru. Na perspectiva de tempo quem mora no Morro Bom Jesus para chegar ao centro da cidade leva aproximadamente vinte minutos. Na comunidade do Morro vivem aproximadamente 10 mil pessoas.²



Imagem 1

Foto: IBGE cidades fotos históricas Caruaru.



Imagem 2

Foto: autor do trabalho. Caruaru, registro feito do alto da estrada do Parque Serra dos Cavalos.

Localizada no Agreste central do Estado de Pernambuco, Caruaru é conhecida como a Capital do Forró. Possui extensão territorial de 923.150 km² e fica a cerca de 135 Km da Capital Recife. Segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a cidade possui 378.052 habitantes e ocupa o quarto lugar entre as cidades mais populosa do interior de Pernambuco. Economicamente Caruaru está alicerçada no comércio e na indústria, com seguimentos distintos e funciona como um polo de bens e serviços, ainda com indústria têxtil e alimentícia. Dados do IBGE, em parceria com Órgãos Estaduais de Estatísticas Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus- SUFRAMA, confirmam o Produto Interno Bruto (PIB per capita), no valor de R\$20.582,25.

² O dado não é oficial, mas boca ouvido, durante a pesquisa visitamos os postos de saúde que atendem os moradores e chegamos a este quantitativo.



Imagem 3

Localização de Caruaru, a cor lilás indica Caruaru no Centro Norte. Fonte: autor adaptado de <
<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=77>

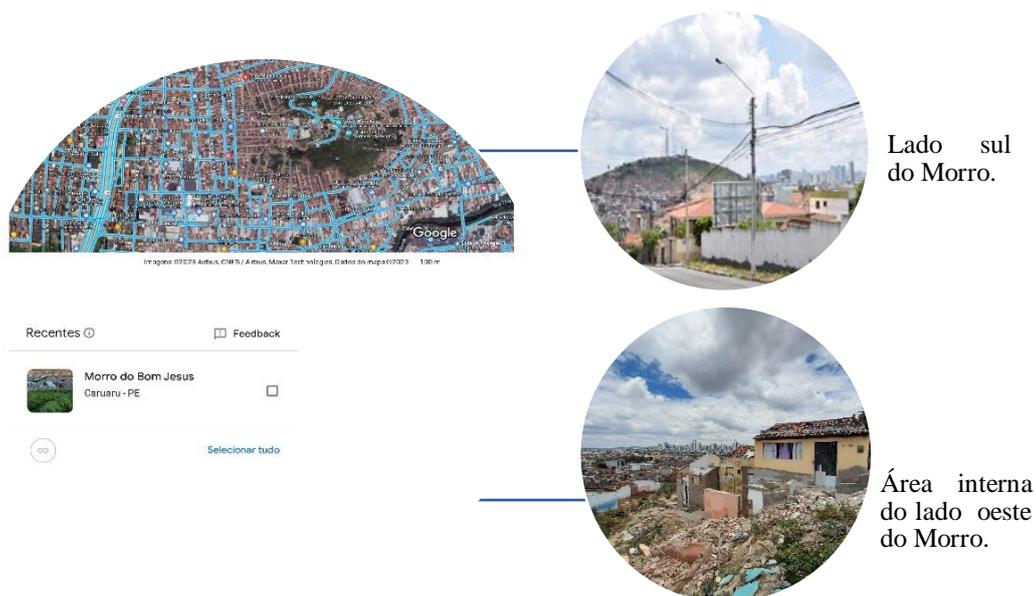
Apresentar a cidade de Caruaru é também falar dos festejos juninos, da Feira da Sulanca, que desde 2006 é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN) como Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil. Os artistas caruaruenses em variadas expressões das artes levaram o nome da cidade para diversas partes do mundo, Vitalino Pereira dos Santos, ou popularmente Mestre Vitalino, com seu artesanato feito a partir do barro das terras caruaruenses teve suas peças na exposição “Arte primitiva e Moderna Brasileira, Neuchâtel, Suíça. No Museu do Louvre em Paris e o Museu de Arte Moderna de São Paulo, há peças do caruaruense. Marques (2012) afirma que o artesanato é proveniente do bairro do Alto do Moura lugar aonde viveu o Mestre Vitalino, o principal responsável por divulgar a arte caruaruense, outros nomes importantes, são ceramistas como Zé Cabloco, Manoel Eudócio, e Mestre Galdino.

Na música que é outra expressão artística, a cidade é cantada e divulgada por compositores, ou interpretes do passado e contemporâneos, Nelson Barbalho, Onildo Almeida, Valdir Santos, Almério, Gabi da Pele Preta, Herbert Lucena e Azulão. Este último é morador da comunidade do Morro Bom Jesus. Azulão faz alusão a comunidade ao interpretar uma composição do recifense Herbert Lucena, na música “Balança Bueiro” Azulão também conhecido como “O Pequeno Grande” e na letra da música Balança Bueiro, canta:

[...] E resmungava quando eu a perguntava. Se o estrondo que eu falava
 Era troar de trovão Vovó dizia com toda sabedoria - Você vai ver que
 um dia esse morro é um vulcão [...] Lucena, (2006) grifo dos autores).

Nas apresentações de Azulão, o público sempre manifesta empatia com os versos de “Balança Bueiro” e sempre cantam e aplaudem tudo que Azulão canta. Atualmente o Morro Bom Jesus vem sendo revitalizado e é um dos pontos turísticos da cidade.

1.1.1 O Morro Bom Jesus e a Palavra Morro



3

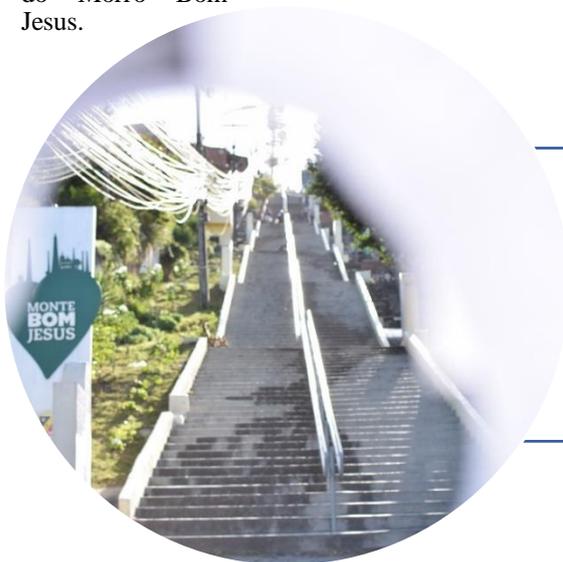
No dicionário Michaelis a palavra morro tem por definição; um conjunto de casas populares sem planejamento, com qualquer tipo de material, para abrigar pessoas de baixa renda; favela. Já no dicionário de sinônimos a palavra monte assume o sinônimo para morro. Ao pesquisar em sites de busca como Google, o significado é: uma pequena elevação em uma planície; monte de poucas dimensões; colina.

Constatado que nos dicionários a palavra morro e monte são utilizadas para designar o mesmo local, o presente trabalho utilizará a palavra Morro em todo o trabalho, mesmo

³ As imagens devem ser lidas da esquerda para direita, a da esquerda apresenta o mapa da região do Morro Bom Jesus e deve ser lida como sendo a 4 e as duas da direita 5 e 6 a da esquerda foi retirada da internet, as duas da direita 5/6 são do autor do trabalho.

sabendo que o nome do bairro foi alterado em placas, ou documentos para Monte Bom Jesus.

Escadaria principal do Morro Bom Jesus.



Mirante Sul



Estátua de Santa Luzia



A imagem da Igreja feita com ajuda da câmera obscura caseira.



4

Neste trabalho, não pretendemos aprofundar discursões sobre as posições, ou discursos por parte dos gestores administradores, quanto a nomeação do bairro, comunidade. No momento o objetivo é produzir fotos que corroborem ao debate de teorias de comunicação comunitária popular, da fotografia como documento e ou apontamento da realidade. As fotografias produzidas durante a pesquisa deste trabalho estão sendo compreendidas como os instrumentos que facilitam diálogos, potencializam a voz da comunidade e promovem a formação do pensamento crítico das pessoas que vivem no Morro Bom Jesus. O presente trabalho também comunga ao que o sociólogo Ferdinand Tonnies, conceitua como comunidade.

Gemeinschaft repouse sobre laços de sangue e de parentesco, sobre associações com a terra e laços de lugar, de amizade, de sentimentos partilhados e crenças comuns. O protótipo [...] é a família da qual surgiram formas comunais de associação que se estenderam, como aldeia e a vizinhança, a fazenda familiar, o tipo antigo de paróquia e a guilda mais ou menos hereditária. (Tonnies *Apud* Miranda, 1995. p.177).

⁴ Lidas da esquerda para direita como 7,8,9, são do autor do trabalho.

Durante o período em que percorremos a região do Morro Bom Jesus e dialogamos com os moradores, identificamos laços de familiaridade como apresentados por Tonnies (1996) ao elaborar o conceito de comunidade. A geografia da região do Morro reforça que os moradores estão unidos por o mesmo local, possuem relações informais, sentimento de solidariedade de contato primário.

O Morro Bom Jesus era chamado de Morro do Caruru, quando Caruaru ainda era fazenda, isto no século XIX. Com o crescimento da fazenda chegando a se tornar vila e logo cidade, aquele que antes era dado como fronteira inabitável foi sendo ocupado por famílias da classe trabalhadora.

O Morro Bom Jesus é considerado um dos pontos turísticos da cidade e quem o visita, tem uma vista privilegiada para apreciar o nascer e pôr do sol. Com 630 metros de altura é o Morro Bom Jesus, o ponto mais alto de Caruaru. No Morro Bom Jesus existem construções de representatividade religiosa que datam do ano de 1902, como é o caso da Igreja do Bom Jesus e da capela dedicada a Santa Luzia. Um dos primeiros monumentos implantados no Morro foi o Cruzeiro. A construção da Igreja é o marco que faz a região ser entendida como parte da cidade de Caruaru. A Igreja foi construída com a ajuda de algumas famílias caruaruenses.

Entre os anos 2000 e 2012 havia um forte estereótipo de que era o Morro tomado por traficantes. Ainda é comum ouvir das pessoas de outros locais que ainda existe forte tráfico na comunidade. A tentativa de tirar de vez a visão negativa do Morro Bom Jesus se deu por meio de políticas públicas de combate as drogas. Durante os anos de 2011 a 2013, o Programa Pacto Pela Vida, do Governo do Estado de Pernambuco, que promoveu a instalação do 1º Comando Itinerante Integrado da Polícia Militar, com intuito de combater o tráfico de drogas no local. Com a presença da polícia na comunidade houve a diminuição do tráfico e logo a troca do nome de Morro Bom Jesus para Monte Bom Jesus. Dado como pacificado, o Morro Bom Jesus possui construções que reforçam a representação que é ali um local seguro para se visitar.

As representações sociais, estão em tornar familiar o que é não familiar, de maneira que saberes estocados na memória possam ser usados para facilitar a compreensão do novo, classificá-lo e nomeá-lo, uma vez que “[...] coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.” (MOSCOVICI, 2003, p. 61).

Há todo um conjunto de instrumentos que potencializam as representações dos espaços Morro Bom Jesus aos olhos da cidade. Também uma reafirmação que não existem ameaças aos transeuntes, ou turistas que queiram e que podem subir o Morro.

Vários espaços dentro da comunidade foram revitalizados, outros receberam novas construções; a exemplo do anfiteatro, da quadra de esporte, a implementação da estátua de Santa Luzia, revitalização da estátua da Virgem dos Pobres e dos quatros principais mirantes que oferecem vista panorâmica de Caruaru. Das novas construções, ou revitalizações, destaca-se a reconstrução das escadarias que receberam corrimões, facilitando a subida e o acesso as casas dos moradores. Outra importante implementação das obras foram as das barracas fixas na região do topo do Morro. As barracas são pontos comerciais, onde as mulheres moradoras do Morro comercializam tapiocas.



Imagem 11

Escuta ativa sobre como produzir fotos na comunidade.



Imagem 12

Base da polícia militar já foi sede de uma emissora de TV local.



Imagem 13

Mulheres da comunidade vendem tapiocas nas barracas local.

5

O fato de se aplicar à comunidade do Morro Bom Jesus uma nova representação, o autor deste trabalho recorre aos conceitos de comunicação popular e da fotografia para em comunidade discutir e compreender como produzir fotos que apresente e represente a comunidade. Todo o processo de produção de fotografias permite reafirmar que a comunicação comunitária é exercida de forma original, pois é feita por, com e para comunidade do Morro Bom Jesus, uma vez que o autor do projeto é morador do Morro Bom Jesus.

⁵ Importante: os participantes estão cientes que o uso de sua imagem será apenas para fins de estudos acadêmicos, sem lucro financeiro. Ao autor do trabalho, quando muito títulos, ou premiações simbólicas. Nenhuma imagem deste trabalho pode ser retirada e usada para fins de ridicularizar os participantes. Na imagem11 quem aparece é a professora de dança, Cirlanny Nascimento, que formada em dança pela Universidade Federal de Pernambuco, já morou no Morro e embora vivendo na capital Recife, Cirlanny tem sentimento de pertença à comunidade Morro Bom Jesus. As imagens são do autor do trabalho.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Reunir moradores da comunidade do Morro Bom Jesus em Caruaru Pernambuco e realizar oficinas de produção de câmeras caseiras e fotografar locais dentro do Morro, ainda por meio de diálogos com os moradores compreender aspectos da comunicação comunitária.

2.1.1 Específicos Objetivos:

- Realizar oficinas para produzir câmeras caseiras e produzir fotografias com os moradores da comunidade do Morro Bom Jesus, visando capturar elementos significativos que representem a identidade cultural e social dessa comunidade.
- Analisar as fotografias produzidas como ferramentas de comunicação comunitária, buscando compreender como elas podem facilitar o diálogo e a interação entre os membros da comunidade do Morro Bom Jesus.
- Realizar entrevistas junto aos participantes das sessões fotográficas para coletar informações e percepções sobre o impacto da produção colaborativa de fotografias na expressão coletiva de problemas e necessidades da comunidade.
- Fundamentar teoricamente a pesquisa nas abordagens da comunicação comunitária, dos direitos humanos e do papel da fotografia como documento representativo da realidade, a fim de embasar criticamente as reflexões acerca do tema.
- Promover espaços de discussão e reflexão com os moradores da comunidade do Morro Bom Jesus, utilizando as fotografias como ponto de partida para debates sobre questões sociais, culturais e ambientais que afetam a vida da comunidade, buscando identificar potenciais soluções colaborativas.

3 JUSTIFICATIVA

Desde o século XIX, ao qual foi o período de intenso crescimento e formação da cidade de Caruaru, a região do Morro Bom Jesus foi ocupada por famílias da classe trabalhadora. As pessoas que ocuparam o até então espaço rejeitado naquele século,

formam uma comunidade com laços primários de familiaridade com indivíduos diferentemente condicionados como categoriza Tonies *Apud* Miranda (1995), ao formular conceito de comunidade.

A proposta do trabalho é produzir fotos e permitir envolver os moradores da comunidade do Morro Bom Jesus à reflexão dos conceitos de comunidade, (laços primários, familiar, pertencimento), comunicação comunitária popular (com, pela, acessível e alternativa), comunicação como direito humano (dialógica participativa em todas as etapas) e fotografia como documento (imagem que representa, ou aponta uma realidade). As fotos produzidas neste trabalho são compreendidas como instrumentos que apontam parte da realidade da comunidade do Morro Bom Jesus.

Para produzirmos as fotos utilizaremos processos técnicos fotográficos alternativos de antotipia e fitotipia, estas técnicas foram descobertas no século XIX por John Herschel em 1842. O processo revela fotos por meio da luz do sol e de pigmentos naturais.

A fitotipia utiliza folha de planta como suporte para impressão de foto, o processo acontece quando colocamos sobreposta na folha algum objeto, ou imagem em transparência que deixa passar e bloquear luz. A antotipia utiliza pigmentos de flores legumes que devem ser aplicados no papel, para também ter sobreposto um objeto ou foto em transparência que deixa ou interromper a passagem da luz, assim acaba produzindo a imagem.

O autor deste trabalho mora na comunidade e percebe que a utilização dessas técnicas torna acessível a produção de imagens fotográficas. Também fortalece o sentimento de pertencimento das pessoas, além de promover o pensamento crítico sobre a comunicação comunitária, uma vez que cria objetivos comuns ao produzir fotos. O resultado é disponibilizado por meio de um site no qual o conteúdo é feito para, com e pela comunidade.

4 REFERÊNCIAL TEÓRICO

A perspectiva deste trabalho é sobre tudo o da participação dos sujeitos, uma vez compreendido que a comunicação é um direito humano e se dar por um processo, ao qual os sujeitos saem da condição de apenas receber informações para agora também informar,

logo ativos no processo comunicacional, o que implica diálogo, assim este trabalho corrobora ao que assinala a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. O documento defende uma abordagem em que a comunicação não se reduz a dinâmicas de transmissão, mas de interação.

Vários autores têm contribuído para alongar o conceito de comunicação; adoto aqui para fins de nossa discussão, uma formulação e uma perspectiva que temos chamado de relacional, e se expressa na seguinte formulação: a comunicação é um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela (França, 2016, p.158).

Desde a última inclusão da região do Morro Bom Jesus ao Plano Diretor da Cidade, alguns espaços estão sendo revitalizados, promovendo benefícios na comunidade. A comunidade ignorada enquanto sujeitos comunicadores, são impossibilitados de manifestar seus interesses nas resoluções de problemas da realidade comum. O direito de comunicar é invalidado e a comunicação perde as funções básicas. Os atos da comunicação deixam de existir em suas funcionalidades para transformação da realidade Bordenave, (1989) o autor ainda complementa:

Pela comunicação pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente, juntas modificam a realidade onde estão inseridas [...]outra função da comunicação é indicar a qualidade de nossa participação. [...] que papéis tomamos e impomos aos outros (Bordenave, 1989. p.36, p.47).

Ao produzir imagens da comunidade do Morro Bom Jesus, além de promover debates nas áreas da comunicação permite aos envolvidos compartilhar conhecimentos que fortalecem e instrumentaliza a comunidade do Morro. Nossa produção também exercita a comunicação dialógica horizontal participativa e alternativa, como destaca Kaplúm (1985) ao considerar que na produção de mensagens os sujeitos possam despertar no povo a consciência da sua realidade. Freire (1996) enfatiza que o diálogo precisa causar no indivíduo o entendimento de que um precisa do outro para se reconhecerem e conhecer o mundo.

O instrumento que une homens e os ajudam na transformação da realidade é o diálogo. A ocupação do Morro Bom Jesus, confirma uma vida orgânica entre aqueles que na comunidade seguem fortes em presença na cidade de Caruaru. Tonnie *Apud* Miranda (1995) diz que a comunidade (Gemeinschaft) repousa sobre laços sanguíneos das associações de terra, amizade, crenças, e sentimento partilhados.

Sobre a história de como se deu a ocupação desta comunidade, ou ainda das primeiras construções de casas nas encostas do Morro, pouco se sabe. O que encontramos durante pesquisas nas bibliotecas, museus e escuta ativa com os moradores mais antigos de Caruaru, foram fotos do Morro, lendas urbanas sobre o lugar. Algumas falas dizem ser o Morro Bom Jesus, um vulcão, ou que é reduto de traficantes. Em todos os casos percebemos falas que demonstram a tentativa de invisibilizar e silenciar por meio de estigmas à comunidade.

Pela perspectiva Freiriana a comunicação entre os indivíduos precisa estar lastreada pela igualdade, pelo respeito e em uma reciprocidade que não deve ser rompida. O presente trabalho tenta promover a reciprocidade por meio do diálogo com a comunidade do Morro Bom Jesus, afim de fortalecer a comunicação comunitária que como afirma Deliberador, Vieira é:

O canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio dos quais os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade local” (Deliberador Vieira, 2005.p.8 *Apud* Peruzzo).

Os conceitos, ou origem da comunicação comunitária e comunicação popular, são complexos e possuem características próprias, porém Peruzzo (2006) afirma que podemos os compreender como sinônimos e que denota um tipo de comunicação que tem o povo como protagonista. A comunicação popular nasce entre os anos de 1970 e 1980 tanto no Brasil, como em toda América Latina. É característico da comunicação popular uma ação dos movimentos e organizações populares.

A comunicação comunitária tem por base princípios públicos, sem intenção de obter lucros financeiros e permite a participação de forma ativa da população bem como promover a cultura e educação e cidadania. Por vezes a comunicação comunitária acaba reproduzindo práticas da comunicação popular o que confunde, mas ao longo dos processos vão se criando novos vieses.

O processo da comunicação popular e comunitária ganha visibilidade ao se apropriar de instrumentos de comunicação como: Jornais faixas, slides alto-falantes panfletos entre outros. Também ao se empoderar das tecnologias avançadas rádio em frequência modulada, televisão comunitária e internet. Sabendo que a fotografia desde sua invenção foi e vem sendo utilizada para diversas finalidades, neste trabalho produzimos imagens fotográficas compreendidas como instrumentos facilitadores em

promover a comunicação dos moradores do Morro Bom Jesus. Com isso promover consciência política aos sujeitos sendo assim a fotografia reforço da posição moral mesmo que embrionária Sontag (2012).

Entre os anos de 1908 e 1918 o trabalho do foto-documentarista Lewis Hine, foi um importante exemplo ao mundo e ainda consolidou Hine, entre os nomes da fotografia documental. Hine, por meio dos registros fotográficos denunciou por meio de fotos o trabalho ilegal de crianças nas indústrias, lojas e até dentro de suas próprias casas. As fotografias foram de suma importância na criação de leis de regulamentação do trabalho doméstico. É possível identificar que nas fotografias de Lewis Hine não há uso de sensacionalismo tão pouco de foto estereotipada.

Por ter uma formação em sociologia, uma das características em suas fotos se dar ao apresentar informações socioeconômicas e culturais. Nos registros fotográficos deixava transparecer a que classe social a pessoa fotografada pertencia, sua nacionalidade, expressões do indivíduo. Também mostrava domínio sobre a luz e posição de elementos na foto, conceitos básicos da fotografia.

A série de fotografias produzida pelos moradores tem o desafio de representar a comunidade no processo de comunicação comunitária popular e auxiliar nas tentativas de resolução de possíveis problemas, pois algumas imagens podem ser assim interpretadas a partir de um caráter que em Kossoy, (2021) completa que fotos são um inventário de informações sobre algo do passado, um fragmento do real e quando interpretado como documento, é um insubstituível meio de informação.

Para Flusser (2002) imagens são representações de algo e ainda podem mediar o homem com o mundo. Após as imagens produzidas na comunidade do Morro Bom Jesus serem expostas a interpretação também é de ser elas o inventário que fornecem informações ao outro e seja este outro, o órgão competente a solucionar determinado problema, exemplo: uma foto tirada dentro da comunidade de um cano de água estourado, ou casa que precisa ser demolida pode fazer o papel de abrir e mediar diálogos com órgão responsáveis para solucionar o problema. Estas mesmas fotografias sintetizam emoção, ainda que sujeito a subjetividade da pessoa.

5 TÉCNICAS, METODOLOGIAS E DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS

Dentre as técnicas de pesquisa da área de comunicação, trabalhamos com pesquisa participante e observação participante, as duas modalidades são muito parecidas nos objetivos e práticas e no nosso trabalho fortalecem nosso objetivo de produzir fotos com a coparticipação dos moradores do Morro Bom Jesus. A pesquisa participante tem a caracterização afirmada por Barros (2006) de não existir só o pesquisar, mas promover a transformação social.

Produções teóricas predominantes a modalidade, pesquisa participante surgem no ano de 1980. Barros (2006) cita nomes de pesquisadores brasileiros como Cecília Maria Krohling Peruzzo, Regina Dalva Festa e o Argentino Mario Kaplún, ambos contribuíram na elucidação do conceito do que é pesquisa participante.

A observação participante para Gil (2019) é fundamental aos estudos de pesquisa participante, permite ao pesquisador participação na vida da comunidade e foi introduzida por antropólogos no estudo das chamadas sociedades primitivas.

As fotos apresentam e apontam para problemas de um determinado tempo, ou grupo de pessoas, logo por meio deste apontamento podem ajudar na compreensão de como vive, se expressa um grupo, assim discursões e ações para transformação social local.

Alinhado as modalidades de pesquisas utilizadas neste trabalho, fizemos uso da entrevista semiestruturada para ajudar na compreensão da vida social dos moradores. Perguntamos quais os meios de comunicação utilizam para se informar, se percebem como os meios de comunicação em Caruaru apresentam a comunidade positiva ou negativa e se já participaram de programas, ou produzem os seus próprios meios de comunicação⁶. O trabalho também tem objetivo de compreender como é produzir uma fotografia que represente à comunidade do Morro Bom Jesus fazendo com que os participantes sejam protagonistas nos processos de produção destas fotos.

Após obtermos as imagens também deixamos aberto o debate do tema de fotografia, contemporânea, as fotos produzidas se enquadram no que é considerado foto

⁶O rádio e a prestação de serviço no Agreste de Pernambuco em tempos de pandemia | Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora (ufop.br); A Gente Não Quer Só Ouvir, A Gente Quer Ouvir e Participar: Um Olhar Para Duas Rádios Maranhenses e as Possíveis Mudanças no Radiojornalismo | Rádio-Leituras (ufop.br); Microsoft Word - Artigo IJ.docx (portalintercom.org.br).

contemporânea? No momento não apontaremos resposta, mas fica a inquietação para momentos futuros.

As fotos aqui estão sendo compreendidas como instrumentos potentes para reverberar a voz da comunidade do Morro Bom Jesus. Empoderados dos processos de produção de fotos as pessoas se mostram ativas no processo de comunicação. O conteúdo também é compreendido como fonte da história da comunidade, pois nas fotos estão os indícios de como permitir aos sujeitos a participação de um processo comunicacional, horizontal, participativo e dialógico. Abaixo as fotografias apresentam momentos em que reproduzimos fotos usando técnicas de fitotipia.



Fitotipia na
folha de
Maracujá



Fitotipia na folha de
amora



Fitotipia na
folha de taioba





Imagem 18
Encontro para diálogos fotográficos.



Imagem 19
Fitotipia feita na folha da papoia



Imagem 20
Antotipia feito com açafrão da terra



Imagem 21
Oficina Antotipia e Fitotipia

7

Para que se sintam integrados durante o processo de produção de fotos. Foi utilizado processos alternativos de geração de imagem fotográfica descoberto por Jhon Herschel, 1846 no século XIX⁸. São chamados de processos alternativos, a antotipia e fitotipia. A fotografia por antotipia utiliza pigmentos de flores frutos ou condimentos. Para o momento em que reproduzimos fotos, optamos em usar o açafrão e beterraba, o sumo destes produtos foram diluídos em álcool setenta por cento.

A mistura gera uma pasta de cor amarela, dela pode ser feito a emulsão em papel de gramatura cento e oitenta. Após fazer emulsão deve-se colocar sobre o papel algum objeto ou, foto em transparência, estes levados ao sol, geram uma nova imagem fotográfica. O tempo de exposição pode variar conforme intensidade do sol, ou a gosto de quem manuseia, mas entre duas, ou quatro horas de exposição em sol forte já temos uma imagem de boa nitidez.

Para produzir imagens a partir de pigmentos de flores, podemos fazer de duas formas; as pétalas podem ser maceradas para extração do pigmento, ou devem ser extraídas e colocadas dentro do álcool setenta por cento para depois de aproximadamente oito dias ter o líquido de alguma tonalidade próxima a cor da pétala, de novo fazer emulsão em papel e fazer o mesmo processo de sobreposição de superfície e exposição ao sol.

A fitotipia utiliza a folha de planta como mídia suporte que sob um objeto ou imagem em transparência também exposto ao sol, geram a imagem. A foto pelo processo de fitotipia foi o mais utilizado, pois as pessoas diziam gostar mais dos resultados das fitotipias “a foto mostra mais detalhes da imagem” afirma um dos participantes.

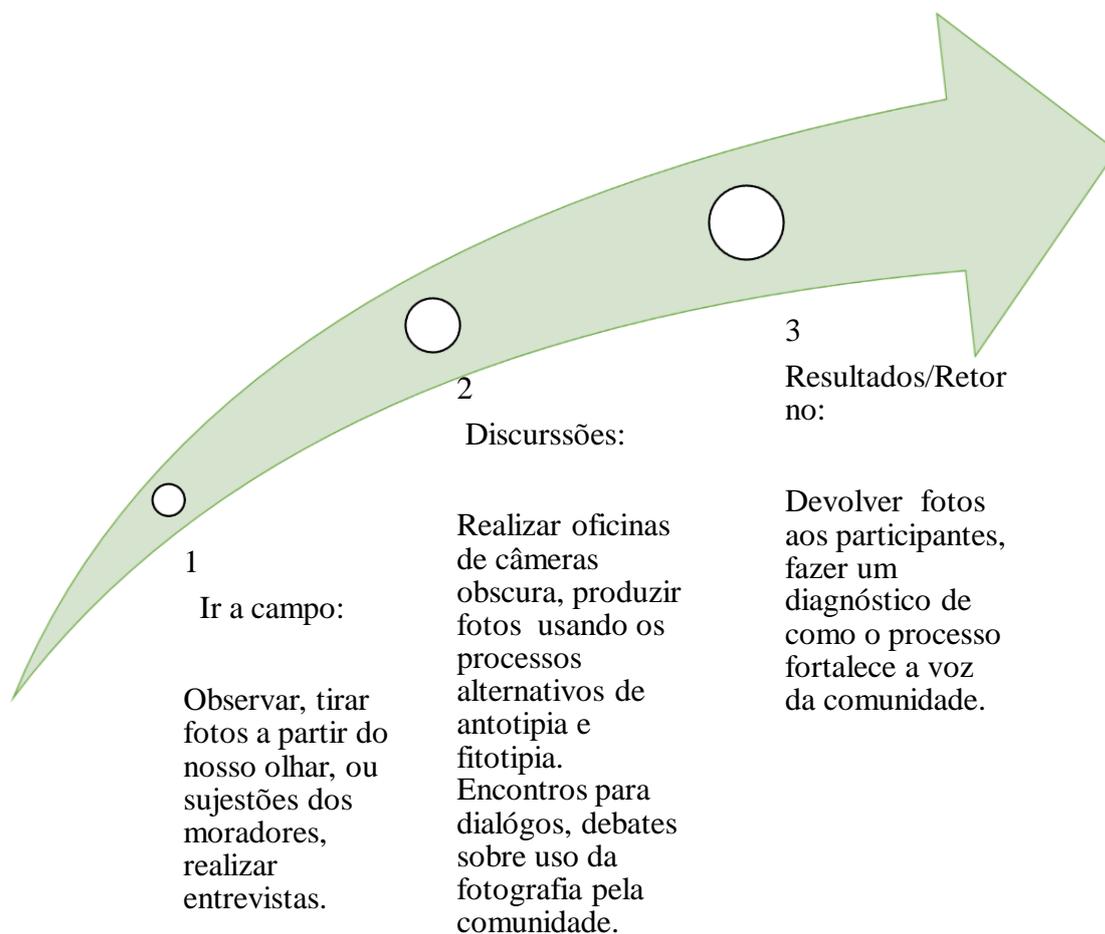
⁷ Lidas da esquerda para direita 15/16 /17. Na imagem 15 as duas crianças, Julia e Brenda, Imagem 19 Israel. Todos são moradores do Morro. A fotografia base da família foi cedida por Cirlanny e logo depois foi reproduzida pelo autor do trabalho com a técnica de fitotipia.

⁸ No site a seguir podemos acessar manual de processos alternativos: [GRebecchi.pdf \(ufrj.br\)](#)

O uso das técnicas de fitotipia e antotipia neste trabalho é uma maneira de tornar acessível a produção de fotos e que o participante compreenda que a fotografia pode tornar-se instrumento fortalecedor da voz e discurso favorável ao diálogo horizontal e com possibilidade de transformação social dentro da comunidade.

De abordagem quantitativa e qualitativa a entrevista também foi ferramenta auxiliar na execução deste trabalho, uma vez que era importante traçar um perfil social do participante. Perguntamos quais os meios de comunicação costumavam ter acesso. Como se definem enquanto classe social, média, média baixa. A observação foi outra técnica que nos ajudou a compreender e eliminar uma postura negativa para participação do processo de geração de fotos. Após alguns dias observando a comunidade identificamos que o público criança teria foco maior, pois o público adulto quase sempre afirmava não ter tempo para estar nos encontros.

5.1 O Processo



5.1.1 O Campo

Ir à campo para fazer observação nos possibilitou fotografar e ter maior contato com moradores de cada um dos lados da comunidade do Morro Bom Jesus. Dividimos o Morro em quatro lados; leste, oeste norte e sul.

Passamos a escolher pontos no topo do Morro afim de compreender como vivem e como é a movimentação de pessoas.

A medida em que fazíamos contato com os moradores pedíamos sugestões do que fotografar dentro da comunidade que os representassem. A movimentação de pessoas nos dias comuns é intensa. Entre quatro e seis horas da manhã, pessoas de outros bairros fazem exercícios físicos nos espaços do Morro. Aos finais de semana essa movimentação começa entre quatro horas da tarde e chega às 10 horas da noite.

Aos domingos a chegada de pessoas de outros locais da cidade é maior. Algumas pessoas visitam os espaços para apreciar o pôr do sol, outras praticam exercícios físicos.

Entre os moradores encontramos apenas um, que tem hábito de fazer exercício nos ambientes do Morro. A afirmação parte do contato e diálogos entre as várias vezes que subimos para observar. Percebemos que os moradores pouco utilizam os novos espaços de lazer que foram construídos.

Vimos muitas crianças brincando com pipas, uma pista de que elas seriam moradoras e por meio dela teríamos acesso aos adultos, pais das crianças. Após confirmado com elas que ali viviam e ter contatos com seus pais, ficamos convencidos de que formando um grupo com crianças as possibilidades de envolver os moradores no processo de fotos seria maior.

Embora tendo visitado os locais do morro e casas nas escadarias, poucos foram os moradores que conseguimos contato, uns por estarem no trabalho, outros por não ter tempo de atenção para nossa proposta. Um motivo chamou nossa atenção, os moradores demonstravam desconfortáveis para falar dos problemas comuns, aparentemente desconfiavam do pesquisador. Alguns relatos é que muitas pessoas já chegaram com propostas de envolver a população e o morador se sentiu lesado.

No decorrer das idas ao campo de pesquisa, nos deparamos com uma geografia de áreas acidentadas, todas as ruas possuem escadarias⁹ de altura considerável com degrau deteriorado tornando o acesso cansativo. Tão logo identificamos pontos estratégicos e estabelecemos horários de observação afim de identificarmos como se dava a movimentação dos moradores de cada lance de escadas.

Aos horários escolhidos fizemos uma escala que favorecesse uma boa luz para fotografar, a luz suave evitando sombras, entre 5h e 6 horas da manhã e uma luz mais forte com sombras entre 11h e 12 horas, a luz suave volta a se repetir no entardecer entre 3h e 5h

Encontramos 18 ruas com longas escadarias.

horas, neste último horário as imagens podem ganhar aspectos de uma certa “poetização, ou mistérios” na fotografia.

Estabelecidos os horários começou-se o processo de apenas registrar por meio do olhar aspectos sociais da região, as nuances de cores que a luz do sol permitia para então desenvolver perguntas para entrevistar os moradores, logo os diálogos, estes de suma importância durante a produção das imagens. A intenção é fortalecer os processos de interação e comunicação dos participantes deste trabalho, sempre na perspectiva de serem sujeitos políticos.

No segundo momento de observações diagnosticamos que: Existe predominância de cor em tons terrosos, devido ao telhado e paredes sem reboco nas casas, tons laranja, cinza e verde; há um sentimento de inferioridade entre as pessoas e que os moradores ainda sabendo da mudança no nome da comunidade de Morro Bom Jesus, para Monte Bom Jesus, continuam chamando de Morro.

Os moradores enfrentam dificuldade em assumir que moram no Morro, enfrentam problemas como falta de água, e com a insistência de tráfico de drogas. Compreendem a polícia local como estúpida e abusiva nas abordagens de suspeitos; nas abordagens dão impressão de focar nos adolescentes pretos e ou apenas moradores do Morro, nunca em outras pessoas. Os moradores pedem segurança e paz na comunidade.

Também apontam suas falas em inscrições nas paredes por meio de frases, símbolos ou desenhos, ambos sugerindo pequenos grupos comunitários, ora amigos ora rivais, guetos.

5.1.2 Realização de Oficinas

A partir das observações e entrevistas foi diagnosticado que poucos são os moradores que tem, ou tiveram acesso a equipamento fotográfico, ainda que de aparelho celular. Criamos então as oficinas de protótipos de câmeras caseiras e as oficinas de antotipia e fitotipia.

Realizamos quatro oficinas, duas dedicadas a fabricação de câmeras e duas para os processos de antotipias e fitotipias. O total de participantes nas quatro oficinas foi de 12 pessoas.

Foram realizados dois encontros para criação das câmeras, no primeiro tivemos participação de oito crianças com idade de 5 e 12 anos. A oficina foi realizada no período da tarde e no mês de maio de 2023. Já na segunda tivemos a participação de sete pessoas

cinco adultos e duas crianças. O segundo encontro foi realizado no período da noite e já no mês de junho de 2023. Usamos vários materiais para fabricar as câmeras, caixas de madeiras, tubos de linhas, caixa de papelão, latas de achocolatados e latas de leite. As caixas de madeira tiveram que ser pintadas de tinta preta. Também usamos cartolina preta, cola branca, fita adesiva, papel vegetal, agulha de costura e pregos.

Cada oficina de câmera, possibilitou compartilhamento de assuntos mais técnicos da fotografia, obturador, luz, fixação de imagem, conseqüentemente a história da fotografia e debates de como um fotógrafo se posiciona para fazer um recorte de experiências e vivências da realidade, bem como o quanto é refém de equipamento gerador de imagens.

Após criarmos as câmeras passamos a também usar o aparelho celular para fixar as imagens obtidas no protótipo de câmeras obscura. Como não utilizamos materiais químicos para fixar a imagem da obscura, usamos a câmera do celular para fotografar e fixar a imagem que se formava na câmera caseira. A duração média das oficinas foi de quatro horas.

Durante os encontros passamos a escolher fotografias e as compreender como documento, uma maneira de ser a foto um apontamento de discursos para solucionar os problemas da comunidade.

As oficinas de antotipias e fitotipias foram realizadas no período da noite e no mês de junho de 2023. Realizamos dois encontros com oito pessoas. Na primeira foi vivenciado o fazer da técnica da antotipia e fitotipia, que consiste em diluir o açafraão em álcool e fazer a emulsão do papel com pigmento e logo fazer sobreposição da foto em transparência na superfície seja do papel ou folha de planta. O segundo encontro se deu após quatro dias para verificar o resultado. Por fim quando surge a ideia de disponibilizar os resultados e um site passou a ser a alternativa mais viável que viabiliza o acesso ao maior número de pessoas de dentro e fora da comunidade.

Para construção do site foi escolhida a plataforma gratuita do wix site, que já tem layout prontos.

Para a montagem do site nos referenciamos nos registros das primeiras observações. Desde a cor, logo tipo, tudo foi construído a partir das observações. A logo do site representada por silhueta de um pássaro, deve-se as andorinhas que sobrevoam o Morro e representa a segurança e liberdade que os moradores falavam nos primeiros contatos que tivemos; a cor verde, deve-se ao resquício de mata existente no lado sul do Morro;

combo de diálogo deve-se ao entardecer, a luz do sol criar uma cor predominante no entardecer que vai do azul para o roxo. Algumas fotos apresentam um efeito de contorno de cor nos aspectos terrosos, brancos ou verde, ora estourados.

5.1.3 Retorno Para Comunidade

A fotografia como instrumento fortalecedor da voz do morador do Morro Bom Jesus.

Consideramos que houve sucesso na produção das oficinas, uma vez que envolvemos o morador do Morro em toda etapa de geração da imagem e assim o tornamos empoderado de todo processo, consciente de como um fotógrafo pode se posicionar com os resultados de suas práticas. O objetivo também é que a participação represente na memória dos participantes uma, as vozes dos moradores.

As fotografias tiradas dos vários locais revelam os problemas sociais do Morro e o desejo dos próprios moradores em solucionar tais problemas. Uma fotografia discutida durante os encontros foi a da fotografia em que casas abandonadas revelam o abandono do poder público para com a comunidade. Existem locais que estão claros essas posições, de um lado um ponto turístico propicia lazer e do outro a expulsão dos moradores.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao longo da produção deste trabalho identificamos que a comunicação comunitária precisa ser investigada nas suas práticas. As nuances de matizes a tornam singular, onde ela surge. A característica horizontal, participativa, com interesse específico está presente na comunicação do Morro. Existem pequenos grupos sem a percepção de que sua voz é potente. Compreendemos que a comunidade do Morro Bom Jesus tem a sua voz silenciada pelos meios de comunicação da cidade, uma vem que os mesmos não os oferecem espaços de participação e se oferecem estão por uma lógica comercial.

As entrevistas permitiram diagnosticar que os moradores quando se veem nos meios de comunicação estão colocados numa posição estereotipada, marginalizados. Durante a

nossa produção de fotos buscamos conscientizar os participantes de identificar como evitar e contrapor-se as práticas comunicativas que depreciam a comunidade. A princípio, a comunidade não aceita a presença de pesquisadores que tentam compreender a realidade do Morro, mas o diálogo de forma clara horizontal a faz aceitar e a participar de pesquisas.

Para novos projetos o ideal é que haja financiamento durante toda pesquisa. O ideal é que cada participante tenha ao menos um celular com câmera de boa resolução, ou câmera profissional, pois na reprodução pelos meios alternativos haverá interferência na formação da imagem.

O projeto pode ser replicado em outras comunidades que desejam produzir suas próprias fontes históricas em fotos, não encontramos base de dados sobre a comunidade, como por exemplo como foi ocupado, quem foram os líderes da ocupação, ou quem são. As falas que encontramos são carregadas de estereótipos para com o lugar mesmo ao consultarmos historiadores da cidade. Percebemos que apenas uma fonte é mais sensível em aprofundar pauta sobre a comunidade, assim permite indícios de que pesquisas devem ser realizadas para resgatar a história do local e atualizar os livros publicados sobre também a história de Caruaru.

Piloto, o trabalho enfrentou dificuldades como falta de fontes históricas que fornecessem dados referentes a números de pessoas, fotos dos antigos moradores. O que encontramos foram fotos panorâmicas da região, demonstrando apenas uma imagem que aponta que ali moram pessoas, mas que não revela quem são. O trabalho deixa o registro de alguns moradores e a sugestão para outras pesquisas para projeto de mestrado, sobretudo ao estudante concluinte do curso de comunicação social desta universidade, ainda dos estudantes das disciplinas de fotografia, educomunicação e comunicação comunitária e produção cultural. Há possibilidades de construção de fotolivros, fotozine, ou projetos financiando pelo Funcultura, entre outros meios de financiamento público/privado, entre outros estudos. Satisfeitos dos processos segue link (<https://comunidadebj.wixsite.com/comunidadebj/africa-viva>) do site e as fotografias produzidas. Mesmo após conclusão deste trabalho a intenção é de continuarmos alimentando o site para de novo compreender, o que chamamos de: As Várias Faces do Morro Bom Jesus: diálogos fotográficos na comunidade.

7 FOTOGRAFIAS

As fotografias abaixo apresentam os processos em que compartilhamos nossos conhecimentos com a comunidade.

Caminhamos pelas escadas do morro registramos locais, ou pessoas, com câmera profissional de lente 35mm da marca Nikon. Alguns locais fotografamos por indicação dos moradores, é o caso da foto de número 4, foi indicação de Glaucivânio. Também há fotos que foram feitas com a câmera obscura, a fotografia de número 16 e 19 para fixar a imagem da câmera obscura usamos o celular. Após termos as fotos e realizado várias conversas, escolhemos fotos para serem impressas em uma transparência e temos imagens reproduzidas a partir das técnicas de antotipia e fitotipia.

As fotos foram escolhidas nos momentos em que nos reunimos para debater como fotografias podem auxiliar na comunicação da comunidade e a maioria delas o clic foi feito pelo autor deste trabalho apenas nas fotos de número 20 e 21 são clics dos moradores: são elas Cirlany e Luciane

Foto: 1

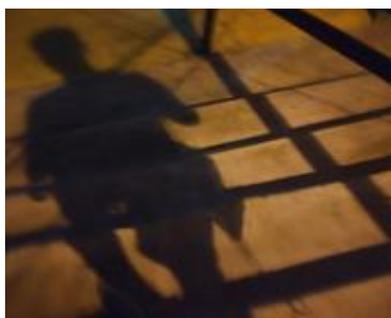


Foto: 2



Foto: 3



Foto: 4



Foto:5



A sequência de fotos permite reflexões de como o fotógrafo pode criar narrativas poéticas e também ilusórias sobre um local.

Tiradas no fim de tarde com lente 35 milímetros da Nikon. A luz permite esconder os rostos das crianças o que foi preocupação nossa, por se tratar de exposição de menores.

As observações e recusa das pessoas em participar mostrando seus rostos nos fez escolher registrar as silhuetas.

"Difícil fotografar o silêncio entretanto tentei:".

Retirado do livro: Ensaio Fotográficos de Manuel de Barros.

Foto: 6



Foto: 7



Foto: 8



Foto: 9



Foto:10



A ida à campo nos permitiu identificar que um dos problemas enfrentados por quem mora no Morro Bom Jesus é a deteriorização dos degraus das escadas.

Entre os anos de 2021 e 2022, obras no Morro estão revitalizando as escadas, mas ainda existe escadas que precisam de reforma.

As fotos revelam que o morador pode desenvolver conteúdo como uma reportagem e cobrar inclusão no processo de revitalização.

"Reportagem é operação progressiva da cabeça, olho e coração para exprimir um problema".

Retirado do livro: O Imaginário Segundo a Natureza, de Henri Cartier Brsson.

Foto:11



Foto:12



Foto:13

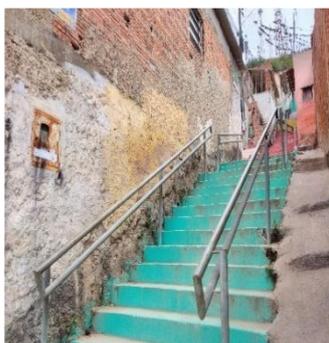


Foto:14



Foto:15



Embora se fazendo presente e com ações pontuais a polícia militar é compreendida nas suas ações como estúpida e seletiva nas abordagens de suspeitos.

Em geral os moradores não os vêem com bons olhos. As escadas estão sendo revitalizadas para os moradores ou para os turistas andarem com mais tranquilidade?

"Vejo os olhos de quem viu o Imperador"

O trecho foi retirado do livro: A Câmera Clara de Roland Barthes.

Foto:16

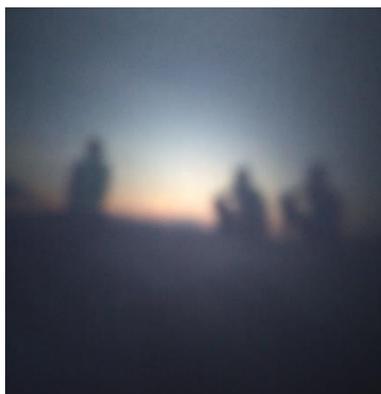


Foto:17



Foto:18



Foto:19

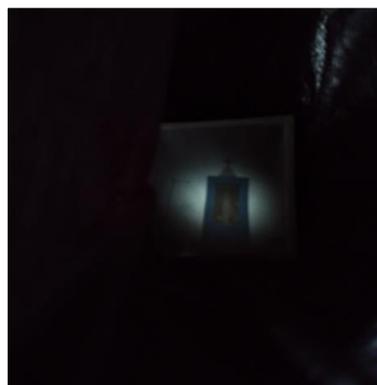


Foto:20



Nas paredes de casas, becos, pedras entre outros locais, a comunidade segue registrando a voz em linhas subliminares. É só olhar com mais cuidado e formação do olhar.

"quem modelou teu rosto?A professora... a Tia esperança.

O trecho foi tirado da letra: O descobrimento do Brasil, da banda brasileira Legião Urbana.

Foto:21



Foto:22



Foto:23



Foto:24



Foto:25



As cinco últimas imagens apresentam parte do envolvimento na criação de imagen fotografica por técnicas de antotipia e fitotipia, também potencialidades da comunidade do Morro Bom Jesus.

**"... o estrondo que falava
era troar de trovão
Vovó dizia...
... vai ver um dia que esse morro
é um vulcão".**

Trecho da letra da música;
Balança Bueiro de Azulão, o
cantor mora no Morro Bom Jesus.

REFERÊNCIAS

- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. Brasiliense, 2017.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo. **1892-1940 Magia e técnica, arte e política**, 1934.
- BORGES, Sheila. **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2016.
- BONI, Paulo César. O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade. **Studium**, n. 28, p. 159-173, 2009.
- BRESSAN, Daniela. **FotoExperiências**. 2016.
- DAS GRAÇAS VIEIRA, Maria; DA SILVA, Cédrick Cunha Gomes. Plano diretor como instrumento de planejamento participativo: um estudo na cidade de Caruaru/PE. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 176-191, 2011.
- DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. Atlas, 2005.
- DE MIRANDA, Orlando (Ed.). **Para Ler Ferdinand Tonnies**. EdUSP, 1995.
- DUBOIS, Philippe. **Ato Fotográfico (o)**. Papyrus Editora, 1994.
- FERREIRA, Josué Euzébio; OLYVER, EDITORA. **Ocupação humana do agreste pernambucano: Uma abordagem antropológica para a história de Caruaru**. EDITORA OLYVER, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 2014.
- FLÜSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **O direito humano à comunicação: pela democratização da mídia**. Editora Vozes Limitada, 2013.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Ateliê Editorial, 2001.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comunicação & Informação**, v. 2, n. 2, p. 205-228, 1999.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**. 2006. p. 1-17..

NO BRASIL, Representação da UNESCO. Declaração universal dos direitos humanos. 1998.

APÊNDICE A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Quanto tempo mora na Comunidade?

Quando ver notícias sobre a comunidade em geral são boas ou ruins?

Percebe interesse do poder público em melhorar a vida das pessoas que moram na comunidade?

Participa ou participou de algum processo de comunicação em que o objetivo era apresentar à comunidade?

Compreende-se como pertencente em que tipo de classe, classe trabalhadora, média, baixa ou alta?

Utiliza espaços da comunidade para lazer?

Tira fotos dentro da comunidade afim de postar nas mídias sociais?

Qual local sugeri para tirar boas fotos da comunidade?

Sente-se seguro onde mora?

Já presenciou situações de violência dentro da comunidade?

Já foi abordado por policiais? Onde?

Como compreende a polícia presente na comunidade?

Considera-se Preto, Pardo, Branco ou Indígena?

Com qual das religiões a seguir se identifica? 1 – matriz afro, 2- evangélico 3- católico, 4- espírita, 5- prefere não revelar

APÊNDICE B LINK DO SITE

[https://comunidadebj.wixsite.com/comunidadebj/africa-viva.](https://comunidadebj.wixsite.com/comunidadebj/africa-viva)



Página principal



Menus



resultados das fotos



exemplos individuais

GIVANILDO ALMEIDA DA SILVA

**AS VÁRIAS FACES DO MORRO BOM JESUS: DIÁLOGOS FOTOGRÁFICOS
NA COMUNIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, na modalidade de relatório científico, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação.

Aprovado em: 25 / 09 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.^a Juliana Andrade Leitão (Orientadora)
Universidade Federal De Pernambuco

Prof. Dr.^a Amanda Mansur Custódio Nogueira
Universidade Federal De Pernambuco

Prof. Dr.^a Iomana Rocha de Araújo Silva
Universidade Federal De Pernambuco